

ANÁLISE DA TRADUÇÃO DO LIVRO DE ABEL SALAZAR A CRISE DA EUROPA

Alexandra Guimarães

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Portugal

afonsecaguimaraes@gmail.com

Resumo

O presente artigo consiste na análise da tradução para inglês do livro *A Crise da Europa*, de Abel Salazar e pretende explicar a metodologia utilizada no processo tradutivo e as opções que foram tomadas na produção do texto de chegada. O protocolo celebrado entre a Casa-Museu Abel Salazar e o ISCAP deu o mote a esta colaboração que tem como objetivo final a edição da obra traduzida, possibilitando que o legado de Abel Salazar esteja cada vez mais acessível a um número crescente de pessoas. Este trabalho pretende, não só, tornar disponível a obra do autor a novos públicos através da sua publicação na que é hoje a língua universal – o inglês –, mas também dar conta de quem foi Abel Salazar em toda a sua soberba pluralidade. O livro foi escrito entre 1937 e 1942, pelo que o desfasamento temporal que separam o autor da tradutora resultou, necessariamente, numa pesquisa sobre a evolução da língua portuguesa, tendo em conta os diversos acordos ortográficos que a têm vindo a modelar, como, de resto, tão bem o sentimos, neste momento particular. O distanciamento temporal entre o autor / texto fonte e o tradutor / texto de chegada é, igualmente, analisado com recurso a exemplos que o demonstram e clarificam a postura metodológica da tradutora.

Abstract

The present article analyzes the translation, into English, of *A Crise da Europa*, by Abel Salazar, and intends to explore the methodology used in the translation and the options that were made in the production of the target text. The cooperation agreement established between the *Casa-Museu Abel Salazar* and the *ISCAP* set the tone for this collaboration which resulted in the publication of the translated book, ensuring the accessibility of Abel Salazar's legacy to an increasing number of people. This paper aims, not only at making the author's work available to new audiences, through the publication of his work in what is now the universal language - English -, but also at shedding some light on who Abel Salazar was, in all his superb plurality. The book was written between 1937 and 1942, so the time lag separating the author from the translator resulted, necessarily, in a study of the evolution of the Portuguese language, taking into account the different spelling agreements that have been shaping it through the years - a very tangible reality for us, at this particular moment. The time lag between author / source text and translator / target text is evidenced through explanatory examples of situations that clearly illustrate it, as well as reveal the translator's choices.

Palavras chave: Abel Salazar, Crise da Europa, tradução, desfasamento temporal na tradução.

Key words: Abel Salazar, European Crisis, translation, time lag in translation.

Introdução

Tendo presente todas as complexidades inerentes a um processo de tradução para uma segunda língua, o objetivo primordial deste artigo é analisar a tradução, atentando às dificuldades acrescidas de um texto de partida escrito há mais de setenta anos e ao enquadramento da obra na vida do autor e no contexto sociocultural em que ambos se inserem.

Na procura de tentar compreender Abel Salazar e as motivações que o levaram a escrever este livro, editado em 1942, mas cujo título nos parece tão apropriado ainda a este ano de 2013, assoberbou-me a vida do artista plástico e a quantidade de obras, editadas em livro ou em publicações periódicas, a par da história de uma vida que acabou em 57 anos e que, mesmo sob tantas contrariedades, soube gritar a plenos pulmões os seus ideais e a sua sabedoria, sempre com o nobre intuito, não da valorização, mas da passagem do conhecimento. Ao escrever sobre Abel Salazar é quase impossível abstermo-nos de engrandecer a já tão grande figura que foi. Cientista, professor, artista, pensador e, sobretudo, inconformado com os dogmas estabelecidos e assertivo no seu direito de os questionar e de não se deixar subjugar a eles.

Com o intuito de, antes de qualquer outra coisa, compreender a obra a traduzir, procurei desvelar as razões que levaram à sua realização, tendo em conta a época em que foi escrita, a realidade social em que se insere e as motivações que levaram Abel Salazar a escrevê-la. O livro que foi objeto de estudo deste trabalho começou por ser escrito em artigos publicados em duas das diversas publicações periódicas com que Abel Salazar colaborou. Primeiro na revista quinzenal portuense *Sol Nascente*, depois no semanário viseense *O Trabalho*.

Seguidamente, darei conta das dificuldades de tradução que considere mais importantes destacando, por força das circunstâncias, a dificuldade de traduzir um texto que foi escrito há mais de meio século. Tendo em conta que o leitor-alvo da tradução vive nos dias de hoje, no séc. XXI, foi necessário, antes mesmo do trabalho de tradução, um processo de atualização de prováveis arcaísmos que dificultam a compreensão do texto, na língua portuguesa dos nossos dias. E, partindo dessa atualização terminológica, passar à tradução do texto, datado de 1942, para a língua inglesa, da forma como é escrita hoje. Assim, a influência do desfasamento temporal, que separa o autor da tradutora, no resultado da tradução é avaliada, ao mesmo tempo que é tomado em consideração o facto de esta ser uma tradução feita para uma segunda língua.

Contextualização da obra

Abel Salazar morreu há 66 anos mas a herança que nos deixou é de tal forma vasta que ainda há muito caminho para desbravar no sentido de entender, ordenar e divulgar a sua obra. Em Maio de 2012, apenas, António Zilhão, professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciado e mestre em filosofia pela mesma instituição e doutorado em filosofia pela *King's College London*, debruçou-se sobre a tarefa necessária e urgente de organizar e compilar os escritos de Abel Salazar publicados em diferentes periódicos, facilitando o acesso aos mesmos através da sua publicação em livro. Surge, assim, prefaciado e editado por António Zilhão, *O Pensamento Positivo Contemporâneo*. A localização e a catalogação dos trabalhos de Abel Salazar, nomeadamente na área das artes plásticas, estão ainda em curso, sendo que muitas das suas obras pertencem a coleções privadas e a sua dispersão dificulta o trabalho dos investigadores (Fernandes, 1998).

Foi precisamente na tentativa de me orientar nos meandros por onde o intelecto de Abel Salazar jornadaeu que encontrei o que acredito serem os passos iniciais do autor para a escrita de *A Crise da Europa*. Periódicos como o *Sol Nascente*, em 1937 e *O Trabalho*, em 1940, davam conta, em artigos que foram sendo publicados quase consecutivamente, dos primeiros esboços daquilo que viria a ser *A Crise da Europa*, editada em livro, em 1942. Para que não restassem incertezas sobre a veracidade desta conjectura, dirigi-me à Casa-Museu Abel Salazar onde consultei os originais das publicações, para saber se, de facto, diziam respeito ao mesmo tema e às mesmas conceções expressas no livro referido. Dúvidas dissipadas. Efetivamente, o autor começou a transpor para o papel o que viria a ser *A Crise da Europa*, certamente em pensamentos embrionários e mais dispersos, a 1 de Agosto de 1937, aquando da primeira publicação do artigo intitulado “A Crise Europeia - Esquiço de uma Teoria Biomecânica da História”, no nº 12 da revista quinzenal *Sol Nascente*. Ao todo, esta revista publicou, entre agosto de 1937 e janeiro de 1939, 16 artigos escritos por Abel Salazar, sob o título *A Crise Europeia* (tão semelhante ao título do livro – *A Crise da Europa*), que se debruçavam sobre os mesmos conceitos. A semelhança evidente entre o título do livro que foi objeto de estudo deste trabalho e os títulos dos artigos previamente publicados nos dois periódicos - *A Crise Europeia*, para os artigos da revista *Sol Nascente*, e *Reflexões Sobre a Crise Europeia*, para os artigos do jornal *O Trabalho* - alertaram-me para a possibilidade de

uma reflexão (e redação) prévia dos conceitos expressos no livro, antes mesmo da sua publicação. Foi feita, então, uma análise às duas publicações. O diagrama em baixo pretende clarificar o que foi dito anteriormente.

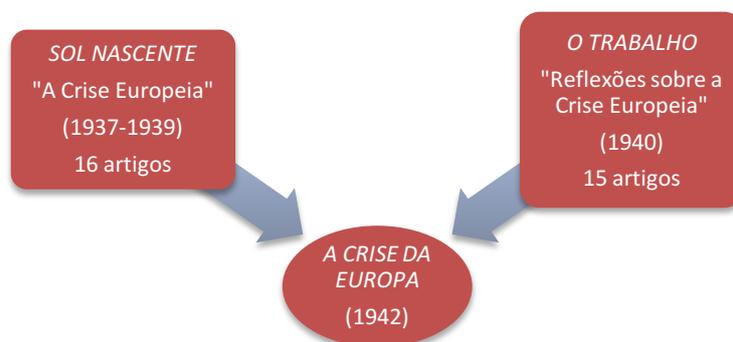


Figura 1 – Publicações em periódicos relativas ao tema abordado no livro *A Crise da Europa*.

Os subcapítulos que se seguem explicam as conclusões retiradas dessa análise, recorrendo a digitalizações de excertos dos originais das duas publicações, comparando o conteúdo dos textos publicados nos periódicos com o conteúdo do texto editado em livro.

Sol Nascente

Para que melhor se entenda o propósito do livro *A Crise da Europa* importa compreender o intuito do autor e, já que os arquivos o permitem, perceber de que forma as suas ideias foram desenvolvidas até desembocarem no texto final, traduzido para inglês pela autora deste artigo.

A revista *Sol Nascente* foi fundada por um grupo de jovens do Porto ocupando, imediatamente, lugar de relevo na imprensa cultural portuguesa, lutando sobremaneira pelo objetivo fixado pelos seus fundadores logo desde a sua abertura: “Contribuir para o elevamento do nível cultural português, depois de citar o sublime conceito do nosso Eça – o fim de toda a cultura humana consiste em compreender a humanidade” (Lopes, 1960, p. 105).

O artigo apresentado na Figura 2 menciona alguns conceitos desenvolvidas na obra, como o Princípio da Irredutibilidade de Tyndall ou a categorização da História como

protociência, isto é, uma ciência não exata e em estado primário de evolução que tem como conteúdo especulações ou hipóteses ainda não testadas adequadamente. Precisamente o âmago de *A Crise da Europa*.

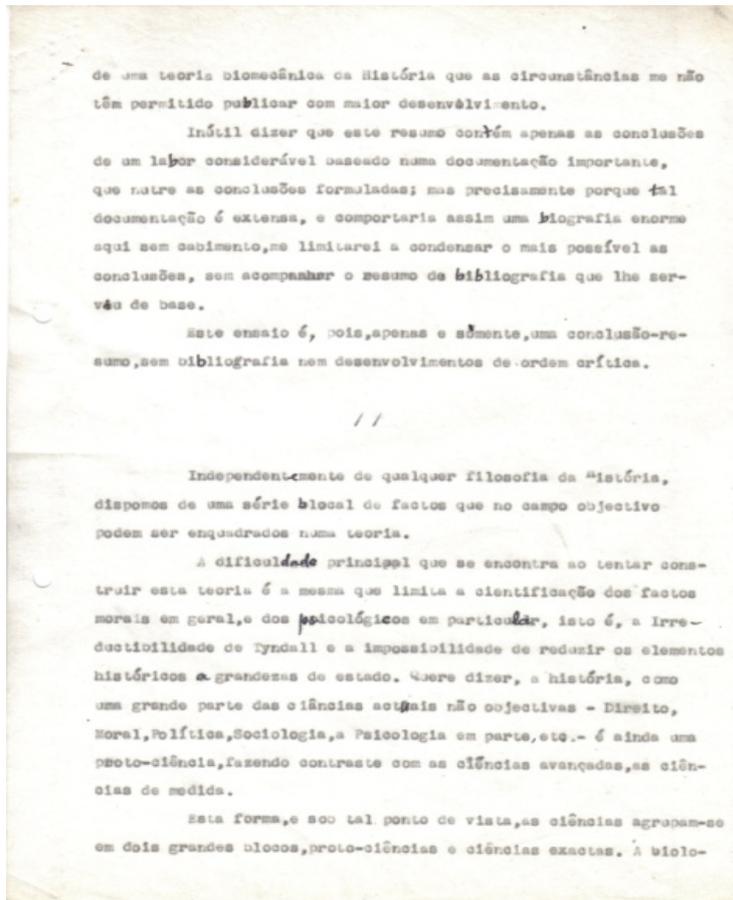


Figura 2 - Excerto de um artigo publicado na revista *Sol Nascente* (1937)

Alguns artigos publicados nesta revista têm títulos iguais aos dos capítulos do livro que foi editado posteriormente ou incluem termos usados no livro. Citemos como exemplo: “A Idade da Europa” ou “Elementos e Movimentos Mecanoides”, respetivamente. Para não sobrecarregar este trabalho com digitalizações, escolhi o exemplo referente à “Idade da Europa”, Figura 3, que no livro corresponde ao capítulo III da Primeira Parte.

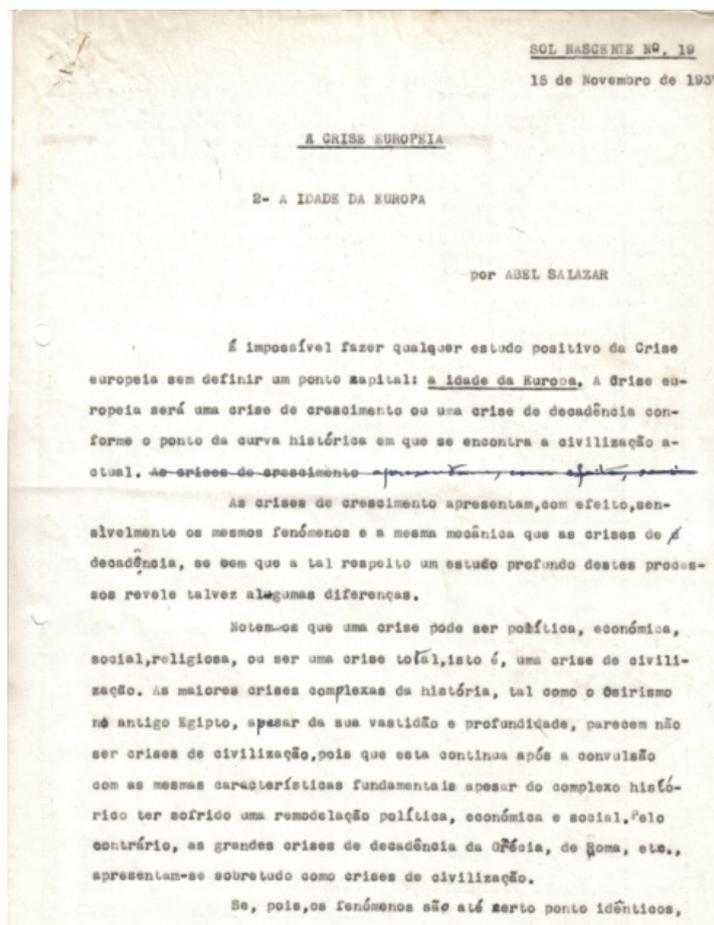


Figura 3 - Excerto de um artigo publicado na revista *Sol Nascente* (1937)

Inversamente, foram publicados nesta revista diversos artigos com capítulos que, ainda que inseridos no mesmo tema da crise europeia, não se relacionam diretamente com os temas abordados no livro, ou não estão estruturados ou descritos da mesma forma. A Figura 4 apresenta um desses artigos, cujo título não se repete no livro.

Contudo, nele está presente o conceito da “totalização da experiência”, constantemente referido no texto editado em livro. Este pequeno excerto ilustra, ainda, diferenças na escrita entre os dois textos – o do artigo publicado em periódico e o do livro. No segundo parágrafo pode ler-se o seguinte: “Nestes períodos de decadência, a nota dominante, como dissemos já em outros trabalhos, é a acentuação da mentalidade e do

temperamento esquizóide em suas características místicas, patéticas e autísticas”. As místicas asiáticas e a aversão do autor às mesmas estão, de facto, presentes no texto do livro, mas nunca essa aversão é tão clara como nesta frase. A palavra “patéticas” nunca é utilizada no livro.

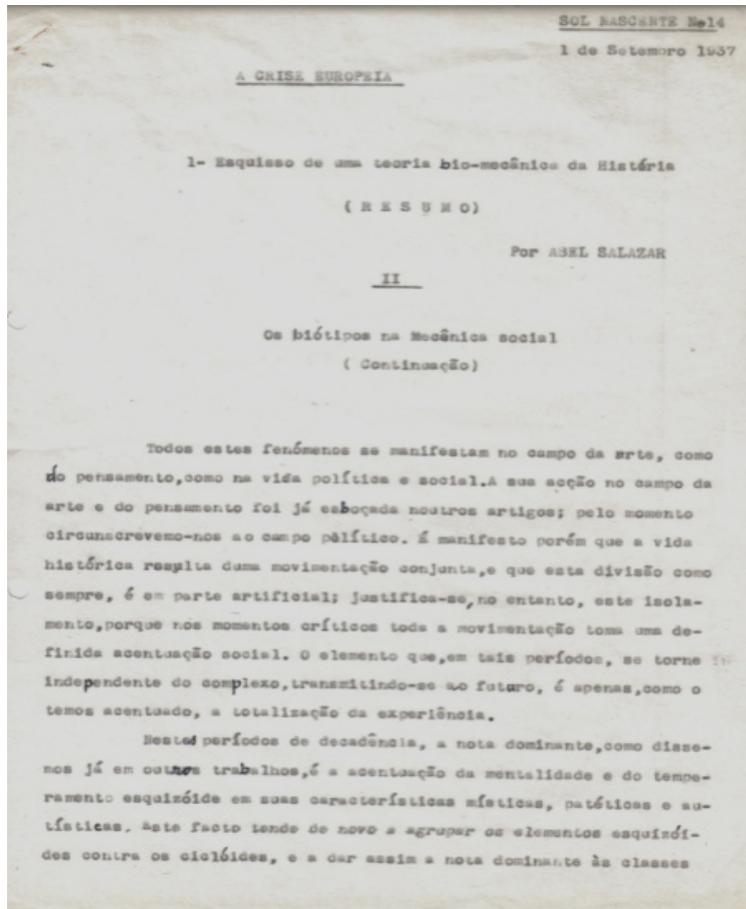


Figura 4 – Excerto de um artigo publicado na revista *SolNascente* (1937)

Na Figura 5, pode constatar-se que estas publicações serviram de tubo de ensaio para *A Crise da Europa*. No último parágrafo, pode ler-se que os Sistemas Históricos, as suas curvas e cadeias e os seus processos de encadeamento, a divisão dos Sistemas Históricos em períodos distintos que desenham as suas respetivas curvas está dividida em cinco períodos: 1º período ou período embrionário, 2º período ou período de formação, 3º período, de estado adulto ou auge, 4º período ou período de decadência e, por fim, o 5º período ou

período de decomposição. Em *A Crise da Europa* a estadição compreende 3 períodos apenas, sendo eles: 1º período ou período de formação, 2º período ou período áureo e 3º período ou período de decadência. Este pormenor clarifica que a obra objeto de estudo deste artigo representa como que um limar de arestas que, naturalmente, fundamentou a posterior publicação do apuramento destes pensamentos em livro.

A este respeito Alfredo Ribeiro dos Santos (1997, p. 13) esclarece que “nesta nova fase da revista [*Sol Nascente*], a colaboração de Abel Salazar ficou praticamente limitada à sua obra *A Crise Europeia*, que vinha a ser publicada desde o início da revista, sendo depois coligida em volume”. Atrevo-me a retificar a reflexão de Alfredo Ribeiro dos Santos que, nesta sua afirmação limita *A Crise da Europa* a um repositório dos artigos publicados na revista *Sol Nascente* sob o título “A Crise Europeia”. De facto, não foi isto que aconteceu.

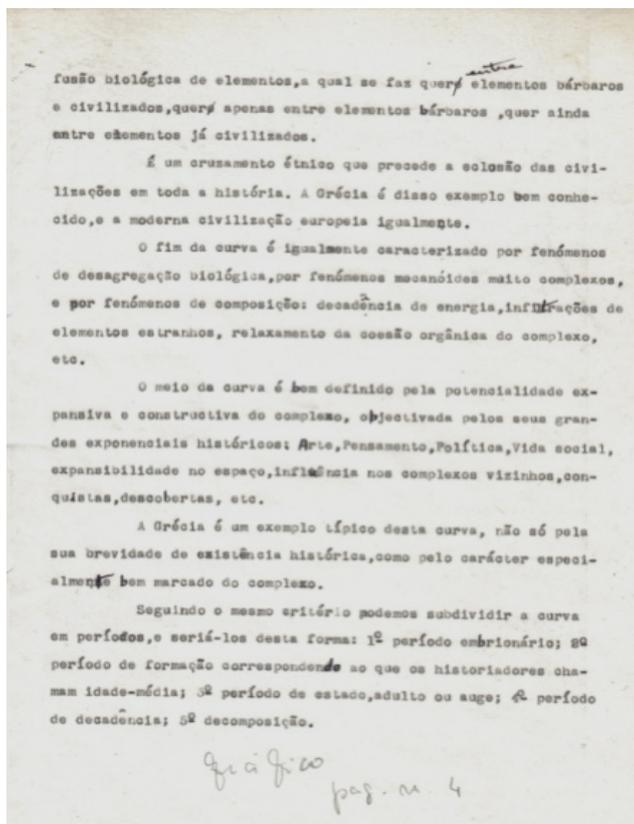


Figura 5 - Excerto de um artigo publicado na revista *Sol Nascente* (1937)

Se analisarmos a correspondência entre os capítulos do livro e os títulos dos artigos, verificamos que apenas dois se correspondem quase na totalidade. São eles “A Idade da Europa” – que corresponde ao capítulo III da Primeira Parte do livro e ao artigo publicado no nº 19 da revista – e “Dissolução Mística do Pensamento” – que corresponde ao capítulo II da Segunda Parte do livro e ao artigo publicado no nº 31 da revista. Ainda assim, o título completo deste último artigo é: “ O Período Europeístico: A dissolução mística do pensamento; A infiltração dos complexos históricos”. Comprova-se, portanto, que há alguma correspondência, mas não total.

Assim, mesmo numa análise superficial, se pode constatar que os seis capítulos que compõem o livro não equivalem aos dezasseis artigos que foram publicados nesta revista (e muito menos aos 31 artigos publicados em ambos os periódicos).

A estes artigos juntam-se outros, perfazendo um total de 16 relacionados com o mesmo tema, até ao nº 33 desta publicação. Fazendo as contas, apenas três números foram editados de permeio com textos que não se cingiam ao mesmo assunto. Curiosamente, foram três números que o autor consagrou a um desentendimento com António Sérgio relativamente a diferenças de conceção no que respeita ao ideal de difusão cultural que ambos consideravam necessário ao país. Esta desavença com António Sérgio, como veremos mais à frente¹, tem relevância para este trabalho pela sua importância no desenrolar da história da revista e na defesa dos ideais defendidos pelos seus fundadores e, ainda, porque conseguiu ter consequências na tradução de *A Crise da Europa*, mais de 70 anos depois.

O Trabalho

Em Fevereiro de 1940, após um ano de interregno desde a última publicação no quinzenário *Sol Nascente*, surgem novos escritos, desta vez no jornal semanal viscense *O Trabalho*, subordinados ao mesmo tema tratado no livro *A Crise da Europa*, desta vez intitulados “Reflexões sobre a Crise Europeia”.

¹Vide página 35 deste trabalho.

Optei por escolher excertos do primeiro e do último artigo publicados em *OTrabalho* sobre o tema da crise europeia, para mostrar, mais uma vez, que antes da publicação de *A Crise da Europa*, em formato de livro, Abel Salazar desenvolveu as mesmas ideias em diversos artigos publicados em duas das inúmeras publicações que gozaram do privilégio da sua colaboração.

A imagem que aparece desenhada no topo da Figura 6 (digitalização do primeiro artigo publicado no jornal *OTrabalho*), representa as curvas dos Sistemas Históricos e é uma das imagens existentes no original do livro. A imagem representa o encadeamento, por sobreposição, das curvas de civilizações subsequentes. Assim, o 1º período (período de formação) da curva seguinte sobrepõe-se ao 3º período (período de decadência) da primeira curva.

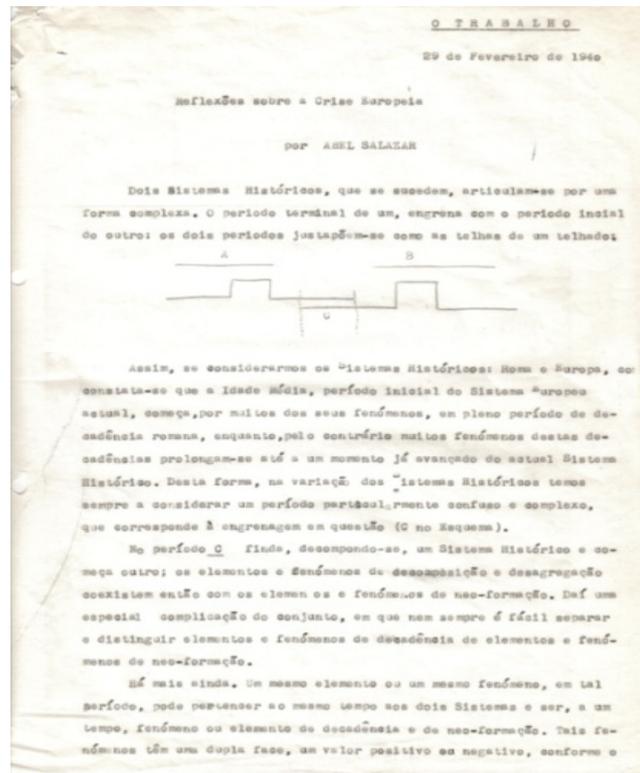


Figura 6 – Excerto de um artigo publicado no jornal *OTrabalho* (1940)

No texto apresentado na Figura 7, pode, novamente, constatar-se a apreciação de Abel Salazar, referida acima na análise de um dos artigos da revista *Sol Nascente* (Figura 4), e

mais tarde transposta para o livro *A Crise da Europa*, sobre o papel preponderante das “místicas asiáticas” no processo de decadência das sociedades ocidentais. A citação que se segue é retirada do texto da Figura 7, para facilitar a leitura:

Uma das manifestações típicas desse facto – análogo ao que se constata na decadência da Grécia e de Roma – é a multiplicidade de proliferações místicas, e a tendência para as formas do ocultismo oriental (...) Espiritismo, ocultismo, metapsíquica, supra-naturalismo, yogas, tantrismos, xenoglossismos, etc., etc., etc., surgem, proliferam, invadem os campos como tortulhos (...) Em Paris, o autor destas linhas assistiu a coisas extraordinárias, algumas inacreditáveis. Artistas, homens de ciência, escritores, banqueiros, mundanas, cocotes, *escrocs*, snobs aristocratas, filósofos, sociólogos, etc., entregam-se com *fransi* às mais *estragantes* práticas ocultistas.

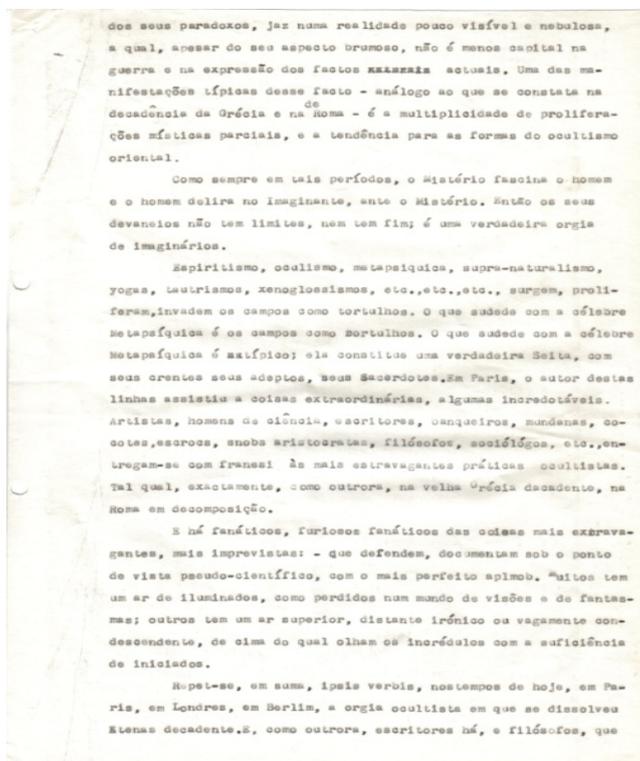


Figura 7 – Excerto de um artigo publicado no jornal *OTrabalho* (1940)

Em suma, *A Crise da Europa*, livro editado em 1942, traduzido para inglês pela autora deste artigo, é uma seleção e um aperfeiçoamento dos pensamentos e reflexões de Abel Salazar, previamente publicados em artigos de duas publicações periódicas. Primeiro, na revista *Sol Nascente*, entre 1937 e 1939, e depois no jornal *O Trabalho*, no decorrer do ano de 1940.

Análise da tradução

Traduzir as linhas de pensamento de Abel Salazar provou ser uma tarefa hercúlea.

A obra que foi objeto de estudo deste artigo começou a ser escrita nos finais dos anos 30, antes da invasão da Polónia pelos nazis, antes da Guerra Fria, antes de existir o mundo como o conhecemos hoje. Parece-me crucial salientar a dificuldade de traduzir um livro que foi escrito há mais de 70 anos. Um dos objetivos da tradução definidos por Peter Newmark (1993) é a precisão, sendo a questão fulcral se essa precisão diz respeito à transposição do conteúdo exato da língua de partida para a língua de chegada ou se, por outro lado, diz respeito ao subtexto, isto é, ao efeito que se pretende que o texto tenha no leitor. O distanciamento temporal entre o autor e a tradutora dificultaram esta tarefa, precisamente porque resulta num distanciamento equivalente entre os dois leitores-alvo.

Para além da existência de arcaísmos e considerando, como atesta Carlos Ceia², que a língua é um organismo vivo, em constante mutação e evolução, é impossível não realçar que o conceito de história e a realidade vividas pelo autor e respetivo público-alvo, não são as mesmas experienciadas pela tradutora que produz o texto de chegada, ou pelo público-alvo da tradução.

A primeira preocupação da tradutora foi a descodificação da mensagem que o autor quis transmitir ao seu público-alvo. E, tendo presente esta preocupação primordial, passar ao segundo passo que foi transpor para a língua de chegada as palavras do autor, ainda que por outras palavras, tendo presente a existência de um novo leitor-alvo.

²http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=74&Itemid=2 - Página acedida a 5 de abril de 2013.

A linguagem usada por Abel Salazar nem sempre é imediatamente perceptível, pois a transcrição do seu raciocínio é constantemente enriquecida com palavras que, entretanto, caíram em desuso ou com referências históricas que, forçosamente, necessitaram de pesquisa e confirmação para que o seu sentido não se perdesse numa tradução incorreta. Todavia, estas referências históricas são clássicas e intemporais, pelo que a sua tradução resultou num exercício de pura equivalência de uma língua para a outra. A obra está repleta de frases extensas e extremamente ricas, graças à língua portuguesa que tão bem consente que se abuse da sua uberdade de recursos. No entanto, ao tratar-se de uma tradução que se distancia do texto original por um fosso temporal tão extenso, não pode deixar de ser tomada em conta a necessidade de a atualizar de acordo com a linguagem e o léxico atuais. Venuti (1995, pp. 4-5), descreve as características discursivas que produzem fluência numa tradução para a língua inglesa:

A fluent translation is written in English that is current (“modern”) [...]. A fluent translation is immediately recognizable and intelligible, “familiarised”, domesticated, not “disconcertingly” foreign, capable of giving the reader unobstructed “access to great thoughts”, to what is “present in the original.” Under the regime of fluent translating, the translator works to make his or her work “invisible”, producing the illusory effect of transparency that simultaneously masks its status as an illusion: the translated text seems “natural”, that is, not translated.

A invisibilidade na tradução de *A Crise da Europa* incidiu, pois, na capacidade de reproduzir um texto português em inglês, sem que os 70 anos que distanciam os dois textos fossem perceptíveis quer ao nível linguístico, quer nas características que, de alguma forma, evidenciam a distinção sociocultural que os separa.

Não pretendo elaborar uma explanação das teorias da tradução, mas antes identificar as metodologias que serviram de base ao processo de tradução de *A Crise da Europa*, enfatizando e descrevendo aqueles que considero serem os mais relevantes do ponto de vista da eterna problemática da fidelidade, simultaneamente ao texto de partida e

ao leitor-alvo da tradução, neste caso particular, protagonistas de um processo tradutivo que se encontram separados por mais de 70 anos.

Na tentativa de clarificar e caracterizar as dificuldades sentidas durante o processo de tradução recorri, inicialmente, à categorização proposta por Vinay e Darbelnet (1968, p. 46) que estabelece dois principais métodos de tradução: a tradução direta ou literal e a tradução oblíqua. Estes dois métodos subdividem-se em sete possíveis procedimentos tradutivos. A tradução direta compreende o Empréstimo, o Decalque e a Tradução literal. A tradução oblíqua engloba a Transposição, a Modulação, a Equivalência e a Adaptação.

Com base na metodologia apresentada por Vinay e Darbelnet, Francis Henrik Aubert propõe uma nova classificação. Segundo Urrutia (2008, pp. 16-22), Vinay e Darbelnet descrevem de modo sistemático a metodologia usada pelos tradutores condensando-a em sete procedimentos estabelecidos numa escala crescente de complexidade, enquanto a proposta de Aubert, que compreende treze modalidades de tradução, suprime ou altera a designação de outras modalidades existentes no modelo de Vinay e Darbelnet. Optei por recorrer à catalogação definida por Francis Henrik Aubert, considerando-a mais abrangente no que concerne às dificuldades sentidas nesta tradução.

Aubert considera que houve uma necessidade de repensar as modalidades propostas por Vinay e Darbelnet e, em 1990, após uma série de experiências envolvendo vários tipos de texto, determinou um modelo revisitado do anterior modelo proposto por estes teóricos (Urrutia, 2008, pp. 22-24). Este novo modelo (Aubert, 1998, pp. 134-139) determina uma escala mais abrangente de diferenciação das modalidades de tradução que estabelece as treze seguintes modalidades: Omissão, Transcrição (considerada por Aubert como o verdadeiro grau-zero da tradução), Empréstimo, Decalque, Tradução literal, Transposição, Explicação/Implicação, Modulação, Adaptação, Tradução intersemiótica, Erro, Correção e Acréscimo.

Os exemplos que se seguem dão conta das dificuldades que considerei mais importantes no processo de tradução de *A Crise da Europa*, tomando como ponto de partida as treze modalidades propostas por Aubert que, por sua vez, se apoia na anterior catalogação estabelecida por Vinay e Darbelnet.

Exemplo 1

Texto de partida:

“O ser exclui o Devir e o Devir exclui o Ser; no entanto, os dois fundem-se, constantemente, no pensamento corrente e no pensamento filosófico.”

Texto de chegada:

“The Being excludes the Becoming and vice versa; however, the two constantly merge, in common and philosophical thought.”

Esta opção tradutiva pretende evitar a repetição das palavras *Being* and *Becoming* usando a expressão *vice versa*, bem como suprimir o duplo uso da palavra “pensamento”, optando por usá-la apenas uma vez.

Foi utilizado o método da Transposição já que se substituiu a repetição da frase “o Devir exclui o Ser” pela expressão *vice versa* e se eliminou o duplo uso da palavra “pensamento”. Neste caso, não se trata de uma Omissão porque não houve perda de informação no texto de chegada.

Na página seguinte usou-se, novamente, a expressão *vice versa* em vez da repetição da frase “*Being and Becoming*” numa tentativa de simplificar o conceito que já é, por si só, complexo. No espaço de seis linhas este par de substantivos repete-se cinco vezes. Este facto, aliado à complexidade do texto em geral, resultou nestas duas opções tradutivas.

Exemplo 2

Texto de partida:

*“Chocando-se neste escolbo, a corrente do pensamento divide-se em dois braços; e ora desenvolve o tema do Ser, ora o tema do Fluxo. **Exausto cada desenvolvimento, cada uma destas correntes encontra diante de si um vácuo.**”*

Texto de chegada:

*“Colliding with this obstacle, the current of thought is divided in two; and, in turn, develops the idea of Being, and the idea of Flow. **When the development of each of these concepts is exhausted, each of these currents faces a void.**”*

A tradução da frase que se pretende analisar, assinalada a negrito, pretende clarificar que a palavra “desenvolvimento” se refere ao desenvolvimento dos conceitos “Ser” e “Fluxo” que aparecem na frase anterior, que não está a negrito: “*develops the idea of Being and the idea of Flow*”. A esta razão se deve o uso da frase “*the development of these concepts*”. A explicação de que o autor do texto de partida se refere ao desenvolvimento dos conceitos de “Ser” e “Fluxo”, quando apenas escreve “cada desenvolvimento”, insere-se na modalidade Explicitação/Implicação. Não se trata de um Acréscimo já que, ao contrário do que acontece nessa modalidade de tradução, o segmento textual incluído pelo tradutor no texto de chegada é motivado por conteúdo implícito no texto de partida.

Existe, também, uma alteração na ordem das palavras na frase (Transposição): o verbo “exausto”, que está no início da frase, no texto de partida, passa a estar no meio da frase, no texto de chegada. Se optasse por manter a ordem das palavras a tradução resultaria numa frase sem sentido: “*Exhausted the development of each of these concepts...*”

Existe, ainda, uma expansão no número de palavras (Transposição), na alteração da frase “encontra diante de si” para “*faces*”. Novamente, a língua inglesa consegue pôr em menos palavras, e de uma forma mais simplificada, a ideia presente no texto em português. A frase foi alterada na tradução pois uma tradução que não recorresse a esta modalidade de transposição resultaria numa tradução deste género: “*...finds before itself...*”

Exemplo 3

O exemplo que se segue diz respeito a uma revisão que resultou numa tradução diferente da primeira.

Texto de partida:

“*...impõe com a força dos imperativos da vida.*”

Texto de chegada (1ª tradução):

Primeiramente traduzi esta frase da seguinte forma:

“*...imposed by the imperatives of life.*”

Em seguida optei por alterar a tradução da seguinte maneira (2ª tradução):

“*...imposed with the strength of the imperatives of life.*”

Optei pela segunda tradução por uma questão de fidelidade para com o texto de partida. Ambas as traduções são perceptíveis e, de facto, bastante semelhantes. No entanto, na primeira tradução não está explícita a noção de que os imperativos da vida têm uma força ou um peso determinados e, quase podemos dizer, preconcebidos. Além disso, a primeira tradução omite a palavra “força”, recorrendo à modalidade a que Aubert chamou Explicitação/Implicitação. Novamente, apesar de haver uma omissão da palavra “força” ela está implícita no texto de chegada (1ª tradução). A sua ausência não resulta em perda total de informação, irrecuperável no texto de chegada. Contudo, na revisão que fiz ao texto (2ª tradução) não encontrei qualquer razão para ocultar essa palavra, concluindo até, que a sua presença era necessária à carga visual da frase. Podemos dizer que a opção final (2ª tradução) diz respeito a uma Tradução literal, já que a ordem das palavras é mantida e o número de correspondentes é praticamente igual, diferindo apenas na tradução da palavra “dos”, (contração da preposição “de” com o artigo definido “os”), pelas palavras “*of the*”, que a língua inglesa mantém separadas e que a língua portuguesa aglutina, formando a palavra “dos”.

Exemplo 4

Texto de partida:

“É a mesma coisa pensar e aquilo a propósito do qual tem lugar pensar; porque sem o Ser a propósito do qual tem lugar o enunciado, não encontrareis o pensar, visto que não há nada que seja ou possa ser, além do Ser e fora dele.”

Texto de chegada:

“The act of thinking and whatever creates the purpose of thinking are the same thing; because without the Being, which is the subject of that action, you will not find thought, since nothing exists, besides the Being.”

Verifica-se, mais uma vez, a Transposição na colocação do predicado “*are the same thing*” a meio da frase, ao contrário do que acontece no texto de partida, onde o correspondente se encontra no início da oração. Na tradução da frase: “a propósito do qual tem lugar o pensar” para “*whatever creates the purpose of thinking*” ocorrem duas modalidades de

tradução distintas: a substituição das palavras “a propósito do qual tem lugar” pelas palavras “*whatever creates de purpose of*” inserem-se na modalidade Modulação, já que existe uma mudança do ponto de vista ou da forma como se expressa a mesma ideia. Existe também uma alteração da função sintática da palavra “pensar”, que no texto de partida é um substantivo e no texto de chegada é substituído por um tempo verbal do verbo *to think*. Mais à frente surge mais uma Modulação na frase “a propósito do qual tem lugar o enunciado” que foi traduzida para “*which is the subject of that action*”. Na tradução deste excerto da frase: “não há nada que seja ou possa ser”, para “*nothing exists*” recorreu-se à modalidade Transposição, através da redução do número de palavras usadas na tradução. O mesmo acontece no resto da frase em que se traduz “além do Ser e fora dele” para “*besides the Being*”.

Exemplo 5

Texto de partida:

“...entificação...”

Texto de chegada:

“...materialization...”

Uma das palavras mais difíceis de traduzir foi a palavra “entificação”. Curiosamente, não encontrei, sequer, a palavra em nenhum dicionário português. Apenas a palavra “ente”. O dicionário em linha Priberam define “ente” da seguinte forma: “criatura; ser; o que existe ou julgamos existente”. Esclarece, ainda, a raiz latina da palavra que funcionava como sufixo, “ens” ou “entis”, para indicar a noção de agente, de qualidade ou de estado.

Optei por “*materialization*”, porque aglutina as noções de realização de algo e existência de algo. De acordo com o dicionário em linha TheFreedictionary, “*materialization*” significa: “*to cause to become real or actual; to assume material or effective form*”.

Exemplo 6

Texto de partida:

“Nestas circunstâncias, põe-se o problema de saber se em História existem “leis”.”

Texto de chegada:

“In these circumstances, the question is, are there “laws” in History?”

Formulei uma pergunta que no original é apenas formulada indiretamente, mantendo a fidelidade ao texto de partida, que utiliza a expressão “põe-se o problema”, (ou questão), transformando-a numa frase interrogativa. No original fala-se na questão a colocar, na tradução formula-se essa mesma questão. Foi utilizada uma Modulação. Houve uma mudança de perspectiva e uma variação na forma da mensagem mas não no seu conteúdo.

Através desta opção evitei a tradução da forma verbal do verbo “pôr” que na língua inglesa não se utiliza neste contexto. O predicado “põe-se o problema” não pode ser traduzido literalmente para inglês, visto que o verbo “*to put*” não é usado com a mesma finalidade que o verbo “pôr”, nesta situação particular.

Exemplo 7

Texto de partida:

“... aplicando a um processo uma imagem, a um ser inerte, a Terra, uma imagem tomada do mundo dos seres vivos, e muitos seres individuais viventes, que vivem coetânea e sucessivamente, a muitas classes de animais e a homens, uma imagem que se obteve tendo como base um só indivíduo vivo.”

Texto de chegada:

“... when linking an image to a process, the Earth to an inert being, an image of the living world and many individual living beings coexisting and consecutively living in it, to several animal species, and men to an image obtained based on a single living individual.”

A compreensão desta frase no texto de partida só foi possível com a ajuda de um quadro de correspondência que, graficamente, estabelecesse a associação entre os conceitos que o autor pretende unir:

“um processo”	“a uma imagem”
“a um ser inerte”	“a Terra”
“uma imagem tomada dos seres vivos, e muito seres individuais viventes, que vivem coetânea e sucessivamente”	“a muitas classes de animais”
“a homens”	“uma imagem que se obteve tendo como base um só indivíduo vivo”

Foi utilizada a Transposição na tradução das orações: “aplicando a um processo uma imagem” para “*when linking an image to a process*” e “a um ser inerte, a Terra” para “*the Earth to an inert being*”, pela alteração da ordem das palavras na frase. Esta alteração foi efetuada para facilitar a leitura e a compreensão através do uso de uma construção frásica mais simples que, sendo mais natural, não salientasse o facto de se tratar de uma tradução (Venuti, 1995, pp. 4-5). Caso contrário, as traduções seriam: “when linking to a process an image...” e “to an inert being, the Earth”. Houve uma Correção da pontuação da frase do texto de partida para facilitar a compreensão do texto de chegada introduzindo as vírgulas nos lugares mais adequados à pausa da leitura e conseqüente linha de pensamento do leitor.

Exemplo 8

Texto de partida:

“E faz também com que se conceda, mais do que o valor do seu mero sistema humano de ordenação, o valor de um “sistema natural” à série de espécies do mundo vivo.”

Texto de chegada:

“And more than the value of its mere human system of organization, this discovery also adds a value of “natural system” to the number of species of the living world.”

A posição das palavras na frase foi alterada para facilitar a compreensão no texto de chegada (Transposição): “mais do que o valor do seu mero sistema humano de ordenação”, “*more than the value of its mere human system of organization*”. A introdução das

palavras “*this discovery*” é uma Explicitação de uma ideia que está implícita no texto de partida. A tradução das palavras “faz com que se conceda” para “*also adds*” é feita através de uma Transposição pois resume-se em menos palavras a mesma ideia e de uma Modulação pois o segmento é alterado sem que, contudo, se altere o significado geral da frase.

Exemplo 9

Ao longo do texto aparecem inúmeras expressões em latim que foram mantidas na sua forma original. Estão referenciadas neste capítulo da Análise da Tradução como exemplo de uma das modalidades – Transcrição - que foi recorrente na tradução do texto de partida: *Antonianus, Assignat, Etymologiarum libri, Dea-Roma, Majestas, Defensor Civitatis, Collegia, Collegium e Impérium* (aliás, mais uma das modalidades utilizadas – Correção - já que *Imperium* não tem acento, como aparece grafado no texto fonte)³.

Como referi no início deste capítulo, a Transcrição é considerada por Aubert como o “grau zero” da tradução. Existe uma Transcrição quando a tradução inclui segmentos comuns às duas línguas ou, como no caso que se pretende ilustrar neste artigo, segmentos pertencentes a uma terceira língua - latim. A citação que se segue explica, nas palavras de Aubert (1998, pp. 135-136), em que consiste esta modalidade:

Transcription. This is the real ‘zero degree’ of translation, and includes text segments which are the common heritage of the two languages involved (e.g. numbers, algebraic formulae, and the like) or, contrariwise, which pertain to neither the source language or the target language but to a third language and which, in most cases, would be deemed as loan words or expressions already in the original text (e.g. Latin phrases and aphorisms – *alea jacta est*).

Os exemplos acima descritos dizem respeito às orações que apresentaram as dificuldades mais relevantes no processo de tradução analisado no presente artigo. No

³A análise da tradução da palavra *Impérium* está incluída no quadro analítico da tradução, página 28 deste artigo.

entanto, a análise não estaria completa sem a apresentação do quadro analítico que se segue, que enumera alguns nomes de personalidades históricas, doutrinas e princípios que pontuaram toda a obra, cujas biografias e definições obrigaram a uma investigação profunda, no sentido de se confirmarem as suas origens. Devido à extensão do quadro, foram recolhidos apenas alguns exemplos representativos da metodologia utilizada.

Uma característica essencial da metodologia que segui durante a tradução diz respeito ao recurso frequente a ferramentas de tradução como as que estão disponíveis na página da internet da Wikipédia ou da Infopédia, tendo sempre o cuidado de confirmar, posteriormente, a sua credibilidade em enciclopédias e dicionários fidedignos, de que são exemplos a página da Universidade de Stanford, que disponibiliza uma Enciclopédia de Filosofia em linha (<http://plato.stanford.edu>), a página da *Encyclopedia Britannica* (<http://www.britannica.co.uk>) ou a página da Internet *Encyclopedia of Philosophy* (<http://www.iep.utm.edu>).

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
Devir	Becoming	<p>Conceito associado a Heráclito – a página da internet que se segue tem a opção de se apresentar em várias línguas, pelo que a tradução foi feita, num primeiro momento, através da ferramenta de tradução facultada: http://www.llpefil-uerj.net/filoimg/327-2011-o-devir-de-heraclito</p> <p>Citação de Heráclito que explica a sua ligação ao conceito de Devir (<i>Becoming</i>): http://plato.stanford.edu/entries/spacetime-bebecome/</p>

Este primeiro exemplo explica a tradução da palavra “devir” e demonstra uma das situações recorrentes neste trabalho de tradução: a interligação entre conceitos. A procura de um determinado termo ou princípio científico resultou, frequentemente, na descoberta, incidental, de outros conceitos ou nomes de personagens históricas também presentes no texto.

A primeira página apresentada (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Laboratório de Licenciatura e Pesquisa sobre o Ensino da Filosofia) tem uma ferramenta de tradução que permitiu traduzir com facilidade o termo “devir”. A segunda página que aparece no exemplo é a página da Universidade de Stanford (*Metaphysics Research Lab, CSLI, Stanford Encyclopedia of Philosophy*) e foi uma das páginas mais usadas no processo de tradução de *A Crise da Europa*. A consulta a esta página serviu, ainda, para confirmar a fiabilidade da ferramenta de tradução facultada pela primeira. Seguidamente, e mantendo a ligação entre conceitos, exemplifica-se a tradução de “Heráclito”.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
Heráclito (de Éfeso)	Heraclitus (or Heracleitus of Ephesus)	Heráclito: http://www.infoescola.com/filosofos/heraclito/ Heraclitus: http://plato.stanford.edu/entries/heraclitus/ http://www.trincoll.edu/depts/phil/philo/phils/heraclitus.html

A procura do nome Heráclito na página do *Google* remete, imediatamente, para o conceito de mobilismo, que aparece mais à frente no texto, e a página da Universidade de Stanford (*Metaphysics Research Lab, CSLI, Stanford Encyclopedia of Philosophy*) sobre Heráclito remete para a teoria da harmonia dos Contrários ou *unity of Opposites*, outro conceito que aparece também mais adiante no texto de partida e, conseqüentemente, neste quadro analítico.

Como as palavras “Conflitos e Discórdias” aparecem grafadas com letra maiúscula a meio de uma frase tive que verificar que conceitos seriam. A melhor opção de tradução que encontrei foi a do original, em latim, através da página da *The Literary Encyclopedia*.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
mobilismo	mobilism	http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Heraclit.html http://www.scielo.br/pdf/trans/v13/v13a01.pdf
harmonia dos Contrários (de Heráclito)	unity of Opposites (of Heraclitus or Heracleitus)	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31731990000100001&script=sci_arttext http://plato.stanford.edu/entries/heraclitus/#UnityOpp
Conflitos e Discórdias	<i>Concordia Discors</i>	http://www.academia.edu/2050380/Renaissance_aesthetics_and_the_harmony_of_discord_ http://www.litencyc.com/php/stopies.php?rec=true&UID=1693

Ainda na mesma página da Universidade de Stanford (*Methaphysics Research Lab, CSLI, Stanford Encyclopedia of Philosophy*) no resultado da busca efetuada por *Heraclitus*, encontra-se *Anaximander*. Mais uma vez, recorreu-se ao método do cruzamento de referências, ou *cross-referencing*, utilizando, numa primeira etapa, a ferramenta de tradução da Wikipédia, e a sua posterior confirmação através da página da *Encyclopedia Britannica*.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
Anaximandro	Anaximander	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Anaximander Encyclopedia Britannica: http://www.britannica.com/EBchecked/topic/23149/Anaximander

A pesquisa da palavra “Pluralismo” resultou na descoberta da sua oposição ao conceito de Monismo e à ligação a outros filósofos pré-socráticos que aparecem mais adiante no texto, como por exemplo, Empédocles e Demócrito.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
monismo (imobilista)	monism (immobilistic)	Monismo – em oposição ao pluralismo mobilista. http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx?pal=monismo Ferramenta de tradução da Wikipédia (espanhol): http://es.wikipedia.org/wiki/Monismo http://plato.stanford.edu/entries/monism/ Imobilista: http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/imobilista
pluralismo (mobilista)	pluralism (mobilist)	Pluralismo – em oposição ao monismo imobilista. http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/lexico/entry.php?entryID=774 http://wiki.answers.com/Q/Monism_and_pluralism_what_it_means_to_Heraclitus Mobilista: http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/mobilista

É importante salientar que estes conceitos e nomes nem sempre estão relacionados de forma evidente no texto de partida. Alguns não estão, sequer, no mesmo capítulo.

Os princípios que se seguem constituem outros dois exemplos de conceitos que tiveram que ser analisados. A pesquisa do princípio corpúsculo-onda resultou, igualmente, na descoberta do princípio seguinte, da complementaridade de Bohr.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
antítese corpúsculo- onda	wave- particle duality	http://en.translatethings.com/w/a/v/wave-particle_duality.html As duas páginas que se seguem remetem, imediatamente,

		para o conceito seguinte da complementaridade: http://www.thefreedictionary.com/wave-particle+duality http://en.wikipedia.org/wiki/Wave-particle_duality#Origin_of_theory http://hyperphysics.phy-astr.gsu.edu/hbase/mod1.html
Princípio da Complementaridade de Bohr	Bohr's principle of complementarity	Primeiro a pesquisa sobre o autor: http://en.wikipedia.org/wiki/Niels_Bohr http://prd.aps.org/abstract/PRD/v19/i2/p473_1 http://encyclopedia2.thefreedictionary.com/complementarity+principle http://van.physics.illinois.edu/qa/listing.php?id=19527

Os exemplos seguintes dizem respeito a grafias que não consegui encontrar em português. Na tentativa de distinguir arcaísmos de possíveis erros ortográficos ou tipográficos fiz um levantamento dos Acordos Ortográficos da língua portuguesa até aos nossos dias⁴. Portugal estabeleceu pela primeira vez um modelo ortográfico no início do séc. XX, o Formulário Ortográfico de 1911, que se destinava a servir de referência para as publicações oficiais e para o ensino. O facto de o Brasil não ter adotado este Formulário levou a um longo processo de negociações com o objetivo de instituir, através de um único tratado internacional, normas comuns que rejessem a ortografia oficial de todos os países de língua portuguesa. As tentativas iniciais concretizaram-se num primeiro acordo, assinado em 1931, que, todavia, viria a ser interpretado de forma diferente nos vocabulários ortográficos nacionais entretanto produzidos: em Portugal, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1940; no Brasil, o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1943, acompanhado de um Formulário Ortográfico. A fim de eliminar estas divergências, foi assinado por ambos os países um novo acordo ortográfico, em 1945, mas este apenas foi aplicado em Portugal, continuando o Brasil a seguir o disposto no Formulário Ortográfico de 1943. Seguiram-se diversas tentativas de chegar a novo consenso

⁴Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa, disponíveis no Portal da Língua Portuguesa: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php> (Último acesso a 15 de abril de 2013).

mas, apesar de no início da década de 1970 ter havido revisões que aproximaram as duas variedades escritas, não foi oficialmente aprovada uma reforma que instituisse um documento normativo comum. Fruto de um longo trabalho da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa foi instituído, em 1990, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado pelos, então, sete países de língua oficial portuguesa (Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), em vigor em Portugal desde maio de 2009 (razão pela qual se acaba de escrever “maio” em vez de “Maio”).

O exemplo seguinte do quadro diz respeito a uma grafia que caiu em desuso. Nos dicionários de português apenas encontrei o nome “Crátilo” que, de acordo com a pesquisa que fiz sobre a sua biografia, corresponde a *Cratylus*. O nome “Cratylo”, utilizado pelo autor no texto fonte, seria a grafia correta na altura em que o livro foi escrito (entre 1937 e 1942) pois, segundo os acordos do Formulário Ortográfico de 1931 e 1940, e no que respeita ao uso do *y*, pode ler-se: “Manutenção do *k*, do *w* e do *y* em derivados vernáculos de nomes próprios estrangeiros [...] nos derivados de nomes próprios estrangeiros devem usar-se as formas que se acham de conformidade com a primitiva: *byroniano*, *maynardina*, *taylorista*, etc [...] não é lícito, portanto, em tais derivados, que o *k*, o *w* e o *y* sejam substituídos por letras vernáculos equivalentes: *cantismo*, *darwinismo*, *baironiano*, etc”⁵. No caso do substantivo “Leucippo”, ainda segundo o mesmo Formulário Ortográfico, identifica-se que deve ser feita a “manutenção, também, em derivados de nomes próprios estrangeiros, de combinações gráficas que não sejam peculiares da nossa escrita”⁶.

Assim, o nome que hoje em dia se escreve “Leucippo” seria escrito da forma que Abel Salazar o escreveu, com uso da dupla consoante “p” – Leucippo – nos finais da década de 30 e início da década de 40.

Ainda no tema das grafias “estranhas” à língua portuguesa atual, o autor parece optar frequentemente por uma fusão entre o português e o francês ou entre o português e o

⁵<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1943>
(Último acesso a 15 de abril de 2013).

⁶<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1943>
(Último acesso a 15 de abril de 2013).

inglês, (como veremos mais adiante na análise da palavra “Pleroma”). O nome “*Varron*”, no entanto, é assumidamente escrito em francês, sendo que em português seria “Varrão”, como está descrito e fundamentado no quadro que se segue. O facto de esta obra ter sido escrita pouco tempo depois do exílio forçado de Abel Salazar em Paris pode ser uma explicação plausível para a repetição destas situações. Os substantivos “*Straton*” e “*Varron*” estão escritos em inglês e francês, respetivamente. Em português as grafias corretas utilizadas hoje em dia seriam “Estratão” e “Varro”. A confirmação das grafias em português, francês e inglês está incluída no quadro analítico.

Relativamente à palavra “impérium” (já referida acima), foi necessário recorrer novamente aos acordos ortográficos disponíveis no Portal da Língua Portuguesa para confirmar se a grafia usada pelo autor diria respeito a um grafia correta mas em desuso ou se se trataria de um erro ortográfico ou tipográfico. Neste caso, a palavra “*impérium*” foi corrigida para “*imperium*” através do procedimento tradutivo Correção, estabelecido por Aubert, já que a sua acentuação não está prevista em nenhuma das alíneas dos Acordos Ortográficos celebrados em Portugal.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
Cratyló	Cratylus	“Crátilo” - grafia usada na língua portuguesa dos nossos dias. Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Cratylus http://plato.stanford.edu/entries/plato-cratylus/ http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1943
Leucippo (português atual: Leucipo de Mileto)	Leucippus	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Leucipo_de_Mileto http://en.wikipedia.org/wiki/Leucippus Tanto na página da Infopédia como na da Wikipédia o nome aparece como “Leucipo” e não como Abel Salazar escreveu: <i>Leucippo</i> . http://www.infopedia.pt/\$leucipo http://plato.stanford.edu/search/searcher.py?query=leucippus

Straton (português atual: Estratão de Lampsaco)	Straton (ou Strato of Lampsacus)	Em português, “Estratão”. Como em situações anteriores Abel Salazar optou pelo nome traduzido, desta vez para inglês. Ferramenta de tradução da Wikipédia : http://en.wikipedia.org/wiki/Strato_of_Lampsacus http://www.oxfordreference.com/search?q=Straton
Varron	Varro (Marcus Terentius)	Mais uma vez o autor utiliza um nome em francês. Ferramenta de tradução da Wikipédia (francês-português-inglês): http://fr.wikipedia.org/wiki/Varron_(écrivain) Francês - Varron Português - Marco Terêncio Varrão Inglês - Marcus Terentius Varro (= latim) http://www.britannica.com/EBchecked/topic/623569/Marcus-Terentius-Varro
Impérium	Imperium	O autor uniu a palavra latina ao acento da palavra traduzida para português: <i>imperium</i> + império. Optei por manter o latim. http://books.google.pt/books?id=gBncL--Z7E4C&pg=PA19&lpg=PA19&dq=imperium+significado&source=bl&ots=nIzHwqWWYR&sig=fSgZug2VaPkE8k33CpwAM_NWX7k&hl=en&sa=X&ei=HecYUePzHsm2hQeBIIIGABw&ved=0CGcQ6AEwCA#v=onepage&q=imperium%20significado&f=false http://www.thefreedictionary.com/imperium

A palavra que se segue exemplifica um dos neologismos que o autor adotou ao longo do texto. A palavra “asiatoidismo” é usada diversas vezes para designar a influência asiática no mundo ocidental. Apesar de a palavra “asiatoidismo” não existir no dicionário português, o sufixo “oide” é usado para designar forma ou semelhança. Poderia optar pela liberdade de criar um neologismo juntando o sufixo *oid* à palavra *asian* na tradução, já que este é um sufixo utilizado na língua inglesa para designar algo que se relaciona com algo (<http://dictionary.reference.com/browse/-oid>). No entanto, porque o sufixo “oide” se repete noutras palavras (“processos mecanóides” - traduzido para *mechanical processes*, e

“papel mecanóide” – traduzido para *mechanical role*) utilizei uma palavra já existente. Note-se que a palavra “mecanóide” é acentuada, de acordo com a grafia instituída na altura em que o livro foi escrito, alterada apenas através do Acordo Ortográfico de 1990. A repetição do sufixo “óide” ao longo do texto contribui para o estabelecimento deste sufixo como construtor de palavras e para que a sua aparente carga depreciativa⁸ perca a determinação que teria se fosse usado apenas uma vez, como gracejo ou ironia, motivo que contribuiu também para que, na tradução, se usasse um sufixo mais neutro.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
asiatoidismo	asianism	<p>http://www.thefreedictionary.com/-oid http://www.jacobs-university.de/asianisms http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14683840802648562 O sufixo <i>oid</i> provém do latim <i>oides</i> (grego <i>eidos</i>) e significa semelhante a alguma coisa mas não exatamente igual: http://www.merriam-webster.com/dictionary/-oid http://www.learnthat.org/word_lists/view/1349 Significado do sufixo “óide” em português: http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=oide Pejoratividade do sufixo “óide” em português: http://www.gel.org.br/resumos_det.php?resumo=5754 Pejoratividade do sufixo “óide”, por Sandmann: http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19181/12479</p>

⁷<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1990&search=óide> (Último acesso a 15 de abril de 2013)

<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=oide> (Último acesso a 15 de abril de 2013)

⁸SANDMANN, A. J. (1989). *A Expressão da Pejoratividade*. Curitiba: Universidade Federal do Panamá.

Os exemplos abaixo descritos referem-se a dois erros ortográficos ou tipográficos, presentes no texto original, e às suas eventuais Correções (Aubert, 1998) no texto de chegada:

No primeiro caso, o autor escreve “Hermes Trimegista”. A palavra correta seria “Trimegisto”, não como está grafado na obra, provavelmente por erro ortográfico ou tipográfico. A tradução foi feita com o recurso à ferramenta de tradução da Wikipédia e depois confirmada pela página da Universidade de Stanford.

Egeia é a palavra atual para “Egêa”. De acordo com o Portal da Língua Portuguesa, a forma arcaica da palavra, prevista no Acordo de 1943, seria “Egéia”. Esta forma antiga foi alterada, em 1945 para a forma que se usa atualmente: “Egeia”. A sua tradução foi feita a partir das ferramentas de tradução da página da Wikipédia e da Infopédia.

A palavra “Mãi” que, numa primeira leitura, identifiquei como erro, é a antiga grafia da palavra “mãe”, como se pode verificar no link, disponibilizado no quadro, da página do Diário da República.

No original aparece a palavra “Pessimonte” e não “Pessinonte”, que seria a grafia correta. Em português pode dizer-se “Pessino” ou “Pessinonte” mas a pesquisa na página do *Google* remete para uma página em francês. A pesquisa da palavra “Pessinonte” no motor de busca do Portal da Língua Portuguesa não obteve resultados.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
Hermes Trimegista (o três vezes grande)	Hermes Trimegistus (the thrice great)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermes_Trimegisto Confirmação da tradução: http://plato.stanford.edu/search/searcher.py?query=hermes+trimegistus
Egêa (português atual: Egeia)	Aegea	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Civilização_egeia Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/Egeia

		Portal da Língua Portuguesa (pesquisa por palavra “Egeia”. A pesquisa da palavra “Egêa” não obteve resultados: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=novoacordo&act=list&search=Egeia
Grande Mãe dos Deuses de Pessimonte	Great Mother of the Gods of Pessinus	Mãe – Antiga grafia da palavra “mãe”. Alteração publicada em Diário da República, a 27 de maio de 1931. http://www.dre.pt/pdf1s/1931/06/12600/10281028.pdf “Pessinonte” e não “Pessimonte”. http://www.britannica.com/EBchecked/topic/453411/Pessinus Ferramenta de tradução da Wikipédia (francês-português- inglês) : http://fr.wikipedia.org/wiki/Pessinonte

O exemplo que se segue diz respeito ao mais obscuro momento do processo tradutivo de *A Crise da Europa*. A palavra “francismo” não está fixada nos dicionários da língua portuguesa com o sentido que o autor lhe pretende dar. De acordo com a página da internet da Infopédia, “francismo”, ou “francesismo” em português significa imitação de costumes ou de coisas francesas. Este parágrafo da obra, em particular, diz respeito a uma enumeração consecutiva de movimentos ditatoriais europeus. Assim sendo, penso que o autor se referia a um movimento fascista francês chamado *Francisme* ou *Mouvement Franciste*, criado por Marcel Bucard em 1933 e financiado por Benito Mussolini. O desfasamento temporal revela-se mais uma vez, dado que, apesar de este movimento ter existido e de haver alguma (pouca) informação disponível na internet em inglês e francês sobre ele, a sua repercussão não chegou aos dicionários nem às fontes de informação, em língua portuguesa, dos nossos dias. Este movimento nasceu sensivelmente na mesma altura em que foi escrito o livro analisado neste trabalho. Certamente por isso, a sua inclusão num conjunto de outros movimentos ditatoriais seria natural e perfeitamente perceptível para o leitor dessa altura, o que não acontece, certamente, com o leitor do século XXI, seja ele de língua portuguesa ou inglesa.

Talvez por isso, não encontrei uma tradução do termo para inglês, mas apenas a sua definição na página da internet *TheFreeDictionary* e na página da Wikipédia, em que a

informação é exatamente a mesma. Apesar de a pesquisa ter sido feita apenas pela palavra *francist*, o motor de busca altera, automaticamente, a pesquisa para *francist movement*, apresentando depois, no corpo da página, as palavras em francês - *Mouvement Franciste* - optando por colocar entre parêntesis a explicação inglesada do que se trata, com a palavra *francist* entre aspas, como se pode ver no *print screen* da Figura 8. Para além da pesquisa feita na internet, que inclui tradutores automáticos, dicionários e enciclopédias em linha, procurei a palavra *francist* no dicionário unilingue *Oxford – Advanced Learner’s Dictionary*, sem obter resultados.

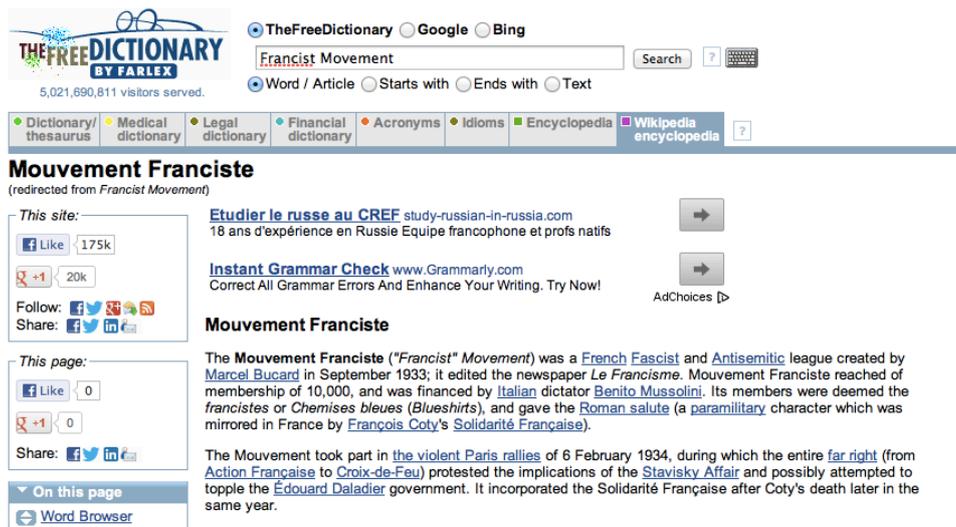


Figura 8. *Print screen* da página da internet *TheFreeDictionary*

Como se pode verificar mais claramente com a ajuda da Figura 8, as palavras que se encontram no campo de pesquisa (*Francist Movement*) não correspondem ao título da definição que depois se lê no corpo da página. Para além disso, a palavra *francist* aparece sublinhada a vermelho, indiciando um erro ou uma palavra inexistente. Pode verificar-se, ainda, que, no início da definição está, entre parêntesis, a explicação, em inglês, daquilo que se vai definir a seguir. No entanto, a palavra *movement* está grafada normalmente, (porque é uma palavra que existe em inglês), mas a palavra *francist* aparece entre aspas, como que indicando estranheza ou palavra inexistente. Assim sendo, optei por usar os termos na

língua francesa, idioma em que garantidamente existem, introduzindo uma explicação entre parêntesis, referenciando-a como “Nota do Tradutor”, em nota de rodapé.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
francista (movimento) (não está fixado na grafia atual para este referente)	<i>mouvement franciste</i> (a French fascist and anti-semitic league created by Marcel Bucard in 1933)	Significado de francismo e sinonímia com francesismo: http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/francismo http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Franst+Movement Oxford – Advanced Learner’s Dictionary

Relativamente ao próximo exemplo, Abel Salazar escreve o nome do imperador *Didius Julianus* de uma forma que parece apertuguesar o latim: “Didius **Julianos**”. O facto de o autor ter optado pela vogal “o” apenas no segundo nome indicia um erro tipográfico. Para além disso, estes dois nomes aparecem separados por uma vírgula no texto original, sugerindo uma referência a duas personalidades distintas, o que acredito ser um erro tipográfico que resultou, mais uma vez, numa Correção na tradução. A procura de ambos os nomes separadamente não surtiu nenhum resultado que se adequasse ao contexto da frase. *Didius Julianus* foi um senador rico nomeado imperador de Roma durante nove semanas após ter comprado o trono num leilão. *Didius Julianos* foi morto por *Septimius Severus*, seu sucessor. A tradução de “Setino Severo” (ou *Septimius Severus*) é, igualmente, analisada mais à frente, neste quadro.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
Didius, Julianos (em português atual: Dídio Juliano)	Didius Julianus (nome completo em inglês = latim: Marcus Didius Severus Julianus Augustus)	http://en.wikipedia.org/wiki/Didius_Julianus Pelo contexto da frase do texto original penso que a pessoa em questão será <i>Didius Julianus</i> . http://www.britannica.com/EBchecked/topic/162476/Marcus-Didius-Severus-Julianus

Os exemplos seguintes referem-se a duas situações já descritas neste trabalho: a interligação entre conceitos e as grafias incorretas ou arcaicas de determinados termos. A palavra “Pleromo”, e não “Pleroma”, que seria efetivamente a grafia correta da palavra, aparece numa citação, feita por Abel Salazar, de um livro francês. Terá sido uma tradução livre de Abel Salazar que, partindo de *Plérôme* terá optado por “Pleromo”, alterando o género da palavra portuguesa? O Portal da Língua Portuguesa não reconhece a palavra “Pleromo”, apenas “Pleroma” no género feminino, o que consolida a hipótese de se tratar, ou de um erro ortográfico/tipográfico, ou de uma tradução livre do autor, de uma obra escrita em francês, cuja citação é a causa do uso desta palavra na obra.

O Pleroma celeste é a totalidade de tudo o que é considerado pela nossa compreensão como divino. Uma hierarquia divina. A plenitude. A pesquisa desta palavra (“pleroma”), que faz parte da mesma frase, levou-me à descoberta da palavra “Eons”. Eon (Éon, eão, eon ou ainda aeon) é um membro da Pleroma. É uma entidade intermédia entre a divindade suprema e o mundo perceptível ao pensamento. Segundo o gnosticismo, Jesus teria sido um Eon intermediário enviado da Pleroma para a Terra.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
Pleromo (grafia correta seria Pleroma)	Pleroma	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Pleroma http://www.iep.utm.edu/gnostic/ http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/pleroma
Eons	Eons (ou Aeons)	http://fr.wikipedia.org/wiki/Plérôme http://en.wikipedia.org/wiki/Aeon http://pt.wikipedia.org/wiki/Aeon_(gnosticismo) http://www.iep.utm.edu/gnostic/
Gnose	Gnosis	Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/gnose http://www.iep.utm.edu/gnostic/

A palavra seguinte (*cit *)   um estrangeirismo que o autor preferiu manter ao longo de toda a obra. Abel Salazar opta pelo termo francês *cit *, quando se refere ao que a Antiguidade grega designou como *polis*. Estas repetidas escolhas pelos termos em língua francesa devem-se, certamente, não são ao seu exílio em Paris, em 1934, poucos anos antes de iniciar a escrita desta obra, mas também ao facto de o termo ter sido retirado de uma obra escrita em francês, como pode verificar-se na nota de rodapé número 24 do texto de partida. Esta nota de rodapé diz respeito a uma cita o de um livro de Ferdinand Lot, e   a  que Abel Salazar utiliza, pela primeira de muitas vezes, a palavra *cit *. Optei pela Transcri o, como metodologia de tradu o do termo *cit *, por se tratar de um termo que não pertence nem   língua fonte nem   língua de chegada e por uma questão de fidelidade ao texto de partida.

Considero, ainda, que o leitor-alvo não terá mais dificuldade que um leitor de língua portuguesa em descodificar o termo em francês.

Texto de partida	Tradu�o	Justifica�o da op�o de tradu�o
cit�	<i>cit�</i>	http://fr.wikipedia.org/wiki/Cit�_(ville) http://www.le-dictionnaire.com/definition.php?mot=cit%EA9

Os quatro exemplos explanados no quadro abaixo relacionam-se com o uso de nomes que podem ser atribuídos a mais do que uma figura histórica por ambiguidade do texto de partida. No entanto, essa ambiguidade não tem influência na tradu o. *Brutus*   uma personagem romana soberbamente conhecida mas, apesar de terem existido vários homens com esse nome, a quem se poderia estar a referir Abel Salazar, não restam d vidas sobre a grafia do seu nome e a sua tradu o, que é o que verdadeiramente importa para este trabalho. A forma latina do nome mant m-se, como de resto acontece em diversos outros nomes latinos que a língua inglesa opta por não traduzir.

O mesmo acontece com o nome *Hilarius*. Existiram vários padres com este nome, como se pode verificar no link que está no quadro. Apesar de, neste caso, existirem as duas

possíveis traduções, *Hilarius* e *Hilary*, para o nome latino *Hilarius*, optei pela forma latina, por uma questão de coerência.

O mesmo se verifica no terceiro exemplo do mesmo quadro. O facto de poder tratar-se do Imperador *Tiberius I* ou *Tiberius II* não afeta a tradução.

Relativamente à palavra “*Probus*”, em português, “*Probo*”, existiram inúmeros imperadores, senadores e personalidades da Roma Antiga com este mesmo nome. No entanto, o texto incluí *Probus* numa enumeração de imperadores ilírios o que facilitou a sua identificação. A tradução resultaria sempre igual mas, assim, foi possível incluir neste quadro o nome completo do imperador a quem Abel Salazar se referia.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
Brutus	Brutus	http://en.wikipedia.org/wiki/Brutus http://en.wikipedia.org/wiki/Brutus_(Cicero) http://www.britannica.com/search?query=brutus
Hilário	Hilarius	http://en.wikipedia.org/wiki/Hilarius http://www.britannica.com/search?query=hilarius http://en.wikipedia.org/wiki/Pope_Hilarius http://www.britannica.com/EBchecked/topic/265689/Saint-Hilary-of-Arles
Imperador Tibério	Emperor Tiberius	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tibério O facto de poder tratar-se do Imperador Tiberius I ou do Imperador Tiberius II não afeta a tradução. http://www.britannica.com/EBchecked/topic/594862/Tiberius http://www.britannica.com/EBchecked/topic/594882/Tiberius-II-Constantinus
Probus (em português: Marco Aurélio Probo)	Probus (em inglês – igual ao latim: Marcus Aurelius Probus)	http://en.wikipedia.org/wiki/Illyrian_emperors http://en.wikipedia.org/wiki/Marcus_Aurelius_Probus Probo: http://www.infopedia.pt/\$probo Probus: http://www.britannica.com/EBchecked/topic/477638/Probus

Algumas personalidades históricas exigiram uma pesquisa mais extensa, quer por ambiguidade do texto de partida, quer pelo facto de serem menos conhecidas do público em geral e, por isso, menos visíveis nas pesquisas efetuadas na internet. É o caso do exemplo que se segue. Em português apenas encontrei “Septímio Severo” ou “Sétimo Severo”. Foi necessário elaborar uma pesquisa sobre a vida deste imperador romano para ter a certeza de que seria o imperador a quem Abel Salazar se referia, aproveitando o facto de o texto original mencionar o período de 235-284 d.C.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
Setino Severo (em português atual: Septímio Severo ou Sétimo Severo)	Septimius Severus (em inglês = latim)	Apenas encontrei, em português, Septímio Severo: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sept%C3%ADmio_Severo ou Sétimo Severo: http://www.infopedia.pt/\$setimo-severo Ferramenta de tradução da Wikipédia – Septimius Severus: http://en.wikipedia.org/wiki/Septimius_Severus Para certificar-me de que seria o imperador correto, já que o texto original menciona o período de 235-284 d.C.: http://www.infopedia.pt/\$dinastia-dos-severos-(193-d.-c.-235-d.-c.)

Como noutras situações já descritas neste quadro analítico, os próximos dois exemplos referem-se a palavras que foram mantidas na língua latina através do método de Transcrição. Ambas as situações foram referidas também no Exemplo 9 da análise da tradução, página 19 deste artigo. A razão pela qual optei por as referir novamente é porque as suas definições foram relevantes no processo de contextualização que auxiliou a tradução. A *Law of majestas* foi instituída por Ulpiano e está relacionada com os crimes de traição. Mais do que isso, esta lei aplicava-se a quem estivesse, de alguma forma, envolvido na morte de quem detivesse o *imperium*. *Defensores civitatis* eram funcionários do Império

Romano cujo dever era defender povo das injustiças dos magistrados. O plural latino de *defensor* é *defensores*, exatamente como em português.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
majestas	<i>majestas</i>	Mantive o latim. A <i>Law of majestas</i> foi instituída por Ulpiano (<i>Ulpian</i> : http://pt.wikipedia.org/wiki/Ulpiano) http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/secondary/SMIGRA*/Majestas.html http://en.wikipedia.org/wiki/Law_of_majestas
defensores civitatis	<i>defensores civitatis</i>	http://en.wikipedia.org/wiki/User:Chief_Ellingar/Defensor_civitatis http://thelawdictionary.org/defensor-civitatis/ http://lawi.us/defensor-civitatis/

Finalmente, não podia deixar de referir este último exemplo, retirado do quadro analítico, porque é o mais representativo estandarte da diferença sociocultural imposta pela distância temporal que nos separa (a nós leitores da tradução) do autor deste livro. E, para isso, vou socorrer-me das palavras de Alfredo Ribeiro dos Santos (1997, p. 13) que, numa elucidação dos princípios que regiam a revista *Sol Nascente* esclarece que:

A palavra *diamático* destinava-se a iludir a Censura, significando materialismo dialético. De resto, sucedia algo de semelhante com o “Neo-Realismo”, que encobria a expressão mais exacta de *Realismo Socialista*. Só depois da tomada do *Sol Nascente* pelo Grupo de Coimbra, formado por Joaquim Namorado, Pinto Loureiro e Jofre do Amaral Nogueira, se pode considerar a revista orientada exclusivamente por marxistas, no sentido do chamado “Novo Humanismo” e do “Neo-Realismo”, sua expressão literária. Neste espírito, os novos administradores e colaboradores da revista continuaram a polémica com António Sérgio iniciada por Abel Salazar,

sustentaram um debate com José Régio e hostilizaram alguns republicanos históricos.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução
escola diamática	dialectical school	<p>Iniciei a minha pesquisa por pensamento diamático. (Curiosamente, na procura de identificar o que é a Escola Diamática encontrei um artigo de uma doutoranda em Ciências Sociais da Universidade do Minho (Maria Otilia Pereira Lage) que se debruça sobre a polémica travada entre Abel Salazar e António Sérgio, de que falei no subcapítulo 3.1 deste trabalho -contextualização da obra: <i>Sol Nascente</i> - e que foi a razão da interrupção do tema “A Crise Europeia” nesta mesma publicação: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462de5b1ea610_1.PDF</p> <p>Relativo ao Diamatismo: http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/diamático</p> <p>Por sua vez, é a designação moderna do materialismo dialético de K. Marx. http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/diamatismo</p> <p>Dialectical school: http://plato.stanford.edu/entries/dialectical-school/</p>

Páginas acedidas entre novembro de 2011 e março de 2012.

Todos os acessos verificados a 12 de março de 2013.

Conclusão

O presente artigo objetivou a análise da tradução do livro de Abel Salazar *A Crise da Europa*.

Almejando uma tradução o mais fiel possível ao texto de partida foi feito um estudo prévio para melhor compreender o que motivou o autor a escrever esta obra e de que forma ela se enquadra na sua vida e no conjunto de todas as suas restantes realizações.

Este primeiro passo resultou na análise de duas publicações periódicas – *Sol Nascente O Trabalho* – onde foram publicados os “esboços” da obra final que foi objeto de estudo deste trabalho. Apesar de estas duas publicações terem servido de tubo de ensaio para a obra que foi publicada em livro em 1942, verificou-se, após uma detalhada análise às digitalizações das publicações originais, que os textos dos artigos publicados nos periódicos e o texto publicado em livro não se correspondem totalmente na sua estrutura e conteúdo.

Para que esta descoberta fosse possível, foi indispensável o acesso às digitalizações dos originais, onde se pôde confirmar que, apesar de já presentes nestas publicações anteriores, os pensamentos do autor não foram apenas recolhidos e depositados em livro, mas antes aperfeiçoados e, porventura, condensados na escrita de *A Crise da Europa*.

Seguidamente, foi fundamental um profundo trabalho de pesquisa sobre as inúmeras referências históricas e princípios científicos referenciados ao longo de toda a obra.

A tradução foi feita tendo em conta as diferentes realidades socioculturais em que se inserem o autor e a tradutora bem como o desfasamento temporal que separa o texto de partida do texto de chegada e que, em última análise, separam o autor do público-alvo da tradução. Nesse sentido, e para que a tradução não fosse, de forma alguma, incompreensível para o leitor, foi indispensável a obtenção de um equilíbrio, primeiro entre a língua portuguesa usada na altura em que a obra foi escrita (1942) e a língua portuguesa usada nos nossos dias, já que o léxico está em constante renovação, e depois entre a língua portuguesa e a língua inglesa.

Esta tradução, realizada em parceria com a Casa-Museu Abel Salazar, é a primeira tradução para inglês de um livro do autor e resultará na divulgação do legado de Abel

Salazar a um número crescente de pessoas, cujo acesso à sua obra estaria dificultado pela barreira linguística.

Esta tradução vai de encontro aos ideais de Abel Salazar que dedicou toda a sua arte e engenho ao notável propósito da transmissão do conhecimento.

Espero que esta seja a primeira de muitas ações a realizar em parceria com a Casa-Museu Abel Salazar na concretização do mais nobre poder da tradução - a divulgação do conhecimento para lá das barreiras impostas pela língua.

Referências Bibliográficas

AUBERT, F. H. (1998). Translation Modalities: Theory and Practical Results. *TradTerm*, 5, 1º semestre 1998, pp. 129-157.

Retirado de <http://myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v05n1/v05n1a07>, acessado a 12 de fevereiro de 2013.

FERNANDES, L. G. (ed.) (1998). *Abel Salazar - Retrato em Movimento*. Porto: Campo das Letras.

LOPES, J. S. (1960). “Abel Salazar e a Revista *Sol Nascente*”. FERNANDES, L. G. (Ed.), *Abel Salazar - Retrato em Movimento*. (pp. 105-106) Porto: Campo das Letras.

NEWMARK, P. (1993). *About translation*. Clevedon: Multilingual Matters.

Oxford Advanced Learner's Dictionary (8th Edition). (2010). Oxford: Oxford University Press.

SALAZAR, A. (1940). Reflexões sobre a Crise Europeia XV. *O Trabalho*. Capítulo XV. 13 de junho.

SALAZAR, A. (1942). *A Crise da Europa*. Lisboa: Edições Cosmos.

SANDMANN, A. J. (1989). *A Expressão da Pejoratividade*. Curitiba: Universidade Federal do Panamá. Retirado de

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19181/12479>, acessado a 13 março de 2013.

SANTOS, A. R. (1997). *Para um Novo Perfil de Abel Salazar*. Porto: Edição do autor.

URRUTIA, J. H. R. (2008). *A modalidade de adaptação como indicador de desenvolvimento da competência tradutória em análise de corpus: teste metodológico*. Universidade de São Paulo. Retirado

de <http://dml.ffiich.usp.br/sites/dml.ffiich.usp.br/files/TGIJuliaUrrutia.pdf>, acessido a 10 de fevereiro de 2013.

VENUTI, L. (1995) *The translator's Invisibility: a History of Translation*. London: Routledge.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. (1968). *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction* (Nouv. éd. revue et corrigée. ed.). Paris: Didier.